

Sarney

## Até quando?

O presidente José Sarney, tão atento à sabedoria popular, parece ter esquecido de que o cântaro vai a fôr tantas vezes que um dia se quebra. Ao menosprezar as lições do adarrio popular, o ilustre acadêmico recebeu dos deuses, por castigo, aquilo que mais temia: tantas vezes desprestigiou seus ministros, tantas vezes inviabilizou os programas de austeridade, honestidade e progresso (aliás não muito), que hoje paga o preço de ver seu governo no fim.

O governo Sarney acabou. Quando se exa. fez a última reforma ministerial, dissemos que o esquema de poder que nos governa desde 1985 tinha chegado ao fim. Hoje, quem diz que o governo acabou não somos nós — e razões de obra teríamos para afirmá-lo. Quem o proclama com todas as letras é o líder de uma parte do PMDB, senador Mário Covas: "O governo perdeu a capacidade de ousar para enfrentar as difíceis situações da crise econômica. (...) Os políticos estão cuidando dos seus afazeres; o governo é que não adota as medidas necessárias à solução dos problemas, embora as antecipe". A rigor, cada mais deveria ser dito: enquanto os políticos buscam chegar a um acordo que viabilize uma Constituição — o senador Mário Covas tentando derrotar o Centrão pelo cansaço —, o governo diz que vai fazer e não faz. Esse dizer que vai mas não vai é que caracteriza o fim de um governo. Marcar o dia que será conhecido como aquele em que os turcos tomaram Constantinopla, essa será a tarefa dos historiadores, décadas ou séculos depois de a Idade Média haver terminado.

O governo Sarney acabou porque de tanto "fritar" seus ministros da Fazenda sofreu queimaduras de primeiro grau. É sintomático da degenerescência das instituições políticas o emprego do verbo "fritar" para referir-se ao procedimento de um presidente que lentamente retira o poder de seus ministros, sem ter a coragem de demiti-los; ou então ao de ministros, que, sentindo-se desprestigiados, continuam nos cargos, não se sabe bem à espera do quê. Liddle Hart examina essa questão num de seus livros: que sentimento teria levado homens como o general Guderian, por exemplo, a aceitar ser chefe do Estado-Maior do Exército quando a Alemanha já tinha perdido a guerra e era evidente que Hitler, como chefe do OKW, retirava toda capacidade de iniciativa dos chefes das armas singulares? Vaidade? Desejo de afir-

mar-se perante seus camaradas, como o homem capaz de pôr fim às loucuras do Fuehrer? Submissão, ou vontade de exercer uma pequena parcela do poder e dele usufruir as pompas? Pergunta idêntica pode ser formulada hoje: que leva um homem a aceitar ser ministro da Fazenda, ou de qualquer Pasta, num governo que terminou, e cujo presidente não tem por seus subordinados o respeito necessário para dizer-lhes: "Prezado amigo, nossas políticas divergiram. Aguardo seu pedido de demissão — com honra"?

Ninguém saberá responder a essa questão, à qual Liddle Hart não deu resposta, após ter procurado saber o que estava ocorrendo do outro lado da colina, conforme a sugestão de Wellington. Talvez os ares de Brasília expliquem as razões desse apego ao poder; talvez a sedução de uma corte oriental em desagregação, vivendo de intrigas e bajulações, seja capaz de explicar os motivos que levam um empresário bem-sucedido, um professor de renome, resignar-se a ler todos os dias nos jornais frases semelhantes à que anteontem foi proferida por José Mindlin: "Eu já teria saído". Ninguém saberá responder, talvez nem mesmo o sr. Bresser Pereira, que não chegou ao Ministério por seus reconhecidos valores, mas por sua amizade com o procônsul da República; e que sairá do governo por autorização do seu padrinho, o multipresidente e procônsul Ulysses Guimarães. Sairá para filiar-se à esquerda, que, segundo consta, no PMDB prepara as condições para a crise, isto é, a ruptura do partido com o presidente Sarney. A questão seria saber se os que preparam a crise sabem a que senhores estão servindo. Ou serão eles meros fantoches que por passes de mágica se imaginam dotados de personalidade?

Não nos preocupemos, os patriotas, com as razões que levam alguém a aceitar o Ministério da Fazenda e a nele permanecer até o amargo fim. Mais importante é tentar saber quais as razões que levam o presidente da República a consentir na desorganização, primeiro, da economia nacional, depois, de todas as instituições políticas. O Kublai Khan, entendamo-nos bem, não é simbolizado pelos ministros. Num sistema de governo em que o decreto-lei é usado para o

que se quiser, o déspota só pode ser quem o assina. O responsável pela crise tem nome: José Sarney.

De pouco adianta o presidente auto-elogiar-se, dizendo que não fora sua postura o País teria mergulhado no caos. É sempre fácil fazer a história *ex-post*, usando o *se* (não o de Kipling, no poema famoso, mas o dos historiadores de menor voo); difícil é ter a coragem de olhar para trás e ver a obra que se produziu.

Quando se faz o retrospecto da Nova e da Novíssima República, qual a imagem que fica? Uns diriam, como o presidente no auto-elogio (esquecido do dito popular "Elogio em boca própria é vitupério"), que foi o período da paz — como se a guerrilha estivesse esperando para agir se outra fosse a conduta do *chefe* (o novo título que o presidente se deu). Outros, que a indecisão e a incapacidade do presidente ao enfrentar os problemas e dirimir as questões resultaram no que aí está. Outros, finalmente, fazendo balanço crítico e isento, perguntar-se-iam: pode o responsável constitucional pela condução superior da administração pública consentir que se cometam tantos desatinos sem que a ele caiba parcela de culpa pela consequência dos erros? Pode o chefe de governo consentir que se destrua a economia do País alegando ao fim e ao cabo que os planos fracassados eram de terceiros e não de sua responsabilidade? Pode, o chefe de Estado, permitir que ministros seus realizem uma política de terra arrasada, afrontem as classes produtoras, desarticulem o mercado e ao fim alegue estar preocupado em não permitir que se instale a desordem no País?

A desordem se instalou porque o chefe de Estado, além de literato, decidiu bancar o cozinheiro, *fritando* seus ministros, quando fracassa a política que s. exa. aprovou. Quando se dirá que o responsável por tudo o que está acontecendo e aconteceu é o presidente da República? Até quando o Brasil suportará essa situação? Até quando milhões de brasileiros, vivendo num misto de farsa e tragédia, estarão condenados a receber a esmola de um litro diário de leite doado em nome do *social-sociedade* que se humilha e se sacrifica — desorganizando a economia? Até quando?